



# O peão honorável

Que diabo, o sacana a apitar, estes gajos não respeitam ninguém, pensou o peão, e acompanhou o gesto de mão gritando um miminho sobre a mãe do automobilista



Rui Patrício

Era sábado, começava a Primavera, o sol brilhava. O peão honorável era jovem, tinha saúde, afectos e emprego, tinha a vida toda pela frente. Nesse final de manhã tinha todas as razões para caminhar alegre rumo ao destino. Mas não, não caminhava alegre; enquanto mascava a sua pastilha elástica rumiava ideias sombrias e derrotistas, irritava-se, os pensamentos andavam de cá para lá, entre o mau e o péssimo. O peão honorável pensava em como tudo ia mal, em como os gajos que mandam nisto são uma corja, em como não se pode confiar em ninguém e em como não fazem nada por ele – por ele, peão honorável, saudável, jovem e empregado, com afectos e a vida pela frente. Ele poderia ser feliz, mas não era, porque isto está cheio de gajos que não respeitam nada, que dão jeitinhos, que não se preocupam, que não se empenham, que atropelam as regras e os outros, que só pensam em safar-se. Não fora isso e o peão honorável poderia apreciar o dia soalheiro de Primavera e gozar bem

o seu sábado tépido e o almoço que se avizinha. Que inferno – pensava ele –, tudo poderia correr tão bem se isto não estivesse assim, entregue aos bichos.

Estava quase atrasado, saíra de casa em cima da hora. Caminhava pelo passeio de uma rua movimentada, tinha de atravessar, a passadeira era mesmo ali adiante, mas – que diabo – estava com pressa e ainda era uma dúzia e meia de passos até à passadeira; atravessou logo ali, pelo meio do trânsito, com uma corridinha certa. Apitou-lhe um automobilista, que não gostou de ver um peão, embora honorável, aparecer-lhe à frente, sem mais nem menos e fora da passadeira. Respondeu-lhe o peão, desrespeitado, com um gesto de mão, esticando o dedo médio e flectindo o indicador e o ane-

lar. Que diabo, o sacana a apitar, estes gajos não respeitam ninguém – pensou o peão, e acompanhou o gesto de mão gritando um miminho sobre a mãe do automobilista. Prosseguiu caminho, já do outro lado da via, mas tão irritado que só lhe apeteceu cuspir a pastilha elástica, o que logo fez, com aprumo e pontaria, e a pastilha foi colar-se um metro adiante na pedra branca do passeio.

Olhou para o relógio, estugou mais o passo, forçou a passagem por entre um casal com um filho que se atardava à sua frente. A criança queixou-se do encontrão, o pai interpelou o peão, e este deu de ombros e disse entre dentes que há gajos que são mesmo empatas e não percebem nada nem respeitam os outros. Ele não podia chegar atrasado, ia almoçar com um amigo de infância, a quem precisava de pedir que desse um jeitinho lá na empresa, a ver se a sua irmã era a escolhida para a vaga de emprego que estava em concurso. Ele há lá coisa mais importante que meter empenhos para o emprego de uma irmã? Irra, que já não há respeito – pensou o peão honorável. Que corja, na verdade. E, quando ia nestes pensamentos, chegou; e antes de entrar no restaurante, ofegante e sob o sol primaveril, puxou e enrolou o cuspo e, aprumado e certo, atirou com ele para o chão. E entrou.

Deu de ombros e disse entre dentes que há gajos que são mesmo empatas e não percebem nada

*Advogado  
Escreve quinzenalmente ao sábado*